

revista

in **transitiva**

Especial

**ttos**

v.4., Edição Especial,  
Fevereiro/2020

ISSN: 2674-936X

λ FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO



Departamento de  
Anglo-germânicas

# Revista intransitiva

Contos (v. 4., Edição Especial)

Fevereiro/2020

## ORGANIZADORES

Adriana Jordão (UERJ)  
Érica Schlude Wels (UFRJ)  
Michela Rosa Di Candia (UFRJ)  
Roberto Bezerra da Silva (UFRJ)  
William Soares dos Santos (UFRJ)

## EDITOR CHEFE

Willian Machado (UFRJ)

## CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO

Alex Jefferson da Silva (UFRJ)  
Ariel Perez (UFRJ)  
Bárbara de Noronha Golçalves (UFRJ)  
Bárbara Maria Soares Mariante (UFRJ)  
Diana Melo Xavier (UFRJ)  
Flavia Ketlin Oliveira de Melo (UFRJ)  
Jéssica Esteves (UFRJ)  
Lucas Loureiro Fernandes (UFRJ)

## LOGOTIPO

Helena Gomes Freire  
Luana Carolina da Silva (UFRJ)

## WEB DESIGN E SUPORTE TÉCNICO

Rafael Laplace (UFRJ)

## CONSELHO CONSULTIVO

André Cabral de Almeida Cardoso (UFF)  
Angélica de Oliveira Castilho Pereira (CAp-UERJ)  
Danielle Galindo Gonçalves Silva (UFPel)  
Divanize Carbonieri (UFMT)  
Ieda Magri (UERJ)  
Laura Patricia Zuntini de Izarra (USP)  
Luisa Dalla Valle Geisler (Companhia das Letras)  
Marlene Soares dos Santos (UFRJ)  
Paulo Henriques Britto (PUC-Rio)  
Rafael Mendes (UFRJ)  
Taís Bravo (UFRJ)  
Tarso do Amaral (UERJ)  
Viviane Mendes de Moraes (UGB)

## EDIÇÃO

William Soares dos Santos (UFRJ)

## ARTE DE CAPA E ILUSTRAÇÕES

Paula Isabelle Teixeira de Souza (UFRJ)  
Yago Gomes de Lima Silva (UFRJ)

## DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO

Paula Isabelle Teixeira de Souza (UFRJ)

# SUMÁRIO

---

**05 EDITORIAL** | Por William Soares dos Santos

## **07 CONTOS**

**08** **DIVINO VENTRE** | Yago Gomes

**13** **ÉRIKA** | Sharon Suane

**21** **HUMANIDADE** | Paula Isabelle

**26** **MISSÃO** | Maria Évili S. Ferreira

**31** **O COLECIONADOR DE PALAVRAS** | Eduardo A.

**36** **ANIVERSÁRIO** | José Ribeiro do Amaral

**40** **CORES** | Carla Abrahão

---

EDDDE

---

TOOT

---

RIIAIA

---

# EDITORIAL

Por William Soares dos Santos

## Revista intransitiva Especial – Oficina de contos 2019

Uma das grandes alegrias de ser professor é a de descobrir e ajudar a potencializar talentos. No ano de 2019, eu tive a oportunidade de coordenar um curso de extensão de escrita criativa com enfoque na produção de contos na Faculdade de Letras da UFRJ que me deu a alegria de trabalhar com pessoas muito talentosas na arte da escrita. Antes de falar propriamente dessa experiência, é importante dizer que esse curso de extensão faz parte de um projeto maior, em que são reunidas a edição da Revista intransitiva (agregada ao sistema da UFRJ), a oferta de cursos de extensão de oficinas criativas na UFRJ em escolas e em outros contextos educacionais e a realização de eventos literários diversos. Esse grande projeto é, atualmente, coordenado pelo professor Roberto Bezerra da Silva, pelas professoras Érica Schlude Wels e Michela Rosa di Candia (todos do Departamento de Anglo-Germânicas da Faculdade de Letras) e por mim (do Departamento de Didática da Faculdade de Educação e da Pós-Graduação da Faculdade de Letras). O projeto conta com vários monitores, todos alunos da UFRJ, que cuidam da edição da revista, da elaboração e da oferta de cursos. Eles também desenvolvem pesquisas e outras ati-

dades e eventos que lidam com a produção, a promoção e a divulgação da literatura contemporânea brasileira.

Como comecei escrevendo acima, a oficina que coordenei me deu a oportunidade de trabalhar com escritores em formação dotados de muitos talentos e de muitas potencialidades. O curso que estava previsto para apenas algumas semanas, se alongou durante todo o semestre, tal foi a paixão e o compromisso com que os autores se dedicavam às produções do grupo. Os textos de cada um foram lidos e discutidos coletivamente. Eu fui um mediador que procurou prover um espaço no qual cada um, com a sua voz, pôde fazer crescer a sua própria escrita e a escrita do outro.

Nesse número especial da Revista intransitiva propomos trazer a produção daqueles que realizaram a oficina do conto e se dispuseram a compartilhar com o público da revista um texto de sua produção. Para a maioria desses autores, será a primeira oportunidade de projeção de seu trabalho para um grande público. A UFRJ cumpre, então, mais uma de suas funções, que é a da divulgação do trabalho de qualidade produzido por aqueles que frequentam seus espaços.

Embora eu mesmo seja escritor e tenha dividido minha produção com os alunos ao longo do curso (principalmente, por achar justo que eles lessem e julgassem, também, a minha obra), por ser professor do curso e escritor já publicado, preferi não colocar nenhum de meus contos na revista. Aqueles que tiverem interesse em conhecer o meu trabalho devem buscar informações em meu site pessoal e/ou através da pesquisa de meu nome em sites de busca.

A ordem estabelecida dos contos aqui foi a da simples casualidade. Eu poderia ter escolhido colocar os trabalhos em ordem alfabética, de título ou de nome de autor, ou mesmo por ordem de uma preferência pessoal. Cada uma dessas escolhas traria seus prós e contras. Desse modo, preferir ir organizando os trabalhos à medida que eles me eram enviados pelos autores. Deixo aos leitores a tarefa de se identificarem com seus escritores e contos favoritos. Cada um deles tem suas características e qualidades e, dependendo de suas escolhas futuras, todos os autores têm condições de conquistar um espaço de destaque na produção da literatura contemporânea.

**A UFRJ cumpre, então, mais uma de suas funções, que é a da divulgação do trabalho de qualidade produzido por aqueles que frequentam seus espaços.**

Antes de cada conto, sempre deixando o devido espaço para as próprias descobertas dos leitores, escrevo um pouco como vejo as características atuais de cada autor e autora e

comento brevemente sobre o conto que cada um deles apresenta aqui. Torço para que este número especial da Revista intransitiva ganhe muitos leitores e que estes apreciem os textos escolhidos por nós. Precisamos alcançar pessoas. Por isso, se você gostar desse número especial, divulgue-o entre seus amigos, contatos e em suas redes. A literatura trazida aqui é o resultado de muito trabalho e, também por isso, merece alcançar o maior número de leitores. Por fim, espero que essa edição seja apenas um pontapé inicial. Desejo ler esses escritores em outros espaços, em produções coletivas e individuais e que a sua voz e a sua escrita se somem aos talentos da literatura contemporânea brasileira e, quiçá, do mundo.



**Professor  
William Soares dos Santos**

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ  
Verão de 2019.

oficina\_de\_

# CON TOS

IN  
T  
R  
A  
N  
S  
I  
T  
I  
V  
A

# SOBRE O AUTOR

---

Por William Soares dos Santos

**Yago Gomes** é cultor de uma escrita dinâmica, versátil e diretiva. Ele é nordestino e escolhe trazer em sua escritura as suas tradições, a sua voz e os seus modos de dizer o mundo. Ao lermos os seus contos, também somos convidados a ouvir a voz do nordestino e a participar de seu ethos. Uma das muitas belezas de suas narrativas é a de, apesar de encontrar suas bases no regionalismo, falar ao universal com a naturalidade dos grandes escritores. Yago é herdeiro de Ariano Suassuna e de Jorge Amado e tem muito a nos oferecer.

**Sobre o seu conto:** Em “Divino ventre”, o autor adentra o lar de um dos personagens característicos do nordeste brasileiro: um coronel, figura emblemática do patriarcalismo nordestino. No conto, o escritor utiliza a figura do coronel e a de sua família para explorar o tema do apetite, da presença do divino e das limitações do ser humano em dominar o seu destino e aquilo que ele deseja que seja de sua própria criação. A riqueza da descrição dos personagens, de suas falas e dos costumes nordestinos são alguns dos pontos altos dessa intrigante e fantástica narrativa.



**YAGO**  
GOMES



# [01]



## Divino Ventre

Yago Gomes

Quando o Coronel Estaca comeu seu bife talhado na manteiga e regozijou aos esforços de homem honrado, se sentiu aliviado em perceber a mulher costurando o enxoval do quarto bebê que vingaria, pois sua esposa tinha ancas largas de pata e tetas gigantes que espirravam um leite mais viscoso que o da vaca. Não rezava para Deus nem para o Diabo, não tinha hábito de acreditar em sorte ou azar e pouco fiava as coisas que não eram dadas a ele, até o instante dele mesmo as agarrar com as mãos. O bife é um bife porque forrou seu estômago e da mesma lei a mulher era sua, por lhe sanar as necessidades nas noites quentes, em que ambos se despiam na cama ou no riacho da fazenda para estarem dentro um do outro, fosse na carne ou no olhar. Também por ser bruto, sem meio termo e dotado de exageros, Coronel Estaca adquiriu outra particularidade: não deixava rastros de escassez por onde quer que passasse. Sempre se banhou na abundância e isso se aplicava desde as comidas que enchiam a dispensa, até os cuidados de marido e pai.

A mulher, gorda e ferosa, via no marido um touro forte, ruminando energia sexual que a possuía pelo cheiro do suor, na voz grossa e no jeito ríspido, típico de um Estaca. Molhava-se quando ouvia seus passos pesados subirem as escadas de casa, observando com raiva e tesão as patacas de lama deixadas nos degraus. Quase gozava quando contemplava seu marido comer, pois sabia, como um prenúncio, que, da mesma forma que ele devorava o frango assado ou o pernil de porco ou até mesmo o ensopado de carne, a devoraria em seguida com aquela barba grossa e sua língua áspera. *É a fome de um Estaca!* Diziam, se deliciando com as guloseimas preparadas por ela e saciadas por ele ao fim de cada refeição. Às vezes cozinhava só para sentir o marido comer, com seus dedos largos e sujos a revirar a mistura, fosse frango ou peixe, de cima abaixo, e deixando os destroços disformes na carne. Quanto melhor o prato, mais rápido ele a comeria também, e não havia nada de impedimentos, pois o Coronel Estaca não sufocava seus princípios ritualísticos que muito seguia: acordar, trabalhar, comer, fazer sexo e dormir.

E a vida se passava tão simples e prática para aquele homem que ensinou, mesmo sem querer, à sua fogosa mulher a ser prática e simples também. E disso tiveram três filhos e um morreu não por parto, pois as ancas da mulher eram tão boas para parir, que a criança saía naturalmente sem ela precisar de esforço algum. E tudo aquilo parecia ser mesmo obra divina, pois a parteira nunca sentiu ventre mais abençoado que aquele, onde a criança deslizava para suas mãos. *Por Nosso Senhor, são bebês lindos. Ó ventre abençoado esse!* E algumas só não se criavam porque tinham de morrer mesmo e isso não interessa muito saber.

*É da vontade de Deus, amado marido.* Disse a mulher, depois de enterrar o filho do meio que contava com quatro anos e sofria de febre e tremedeira. O Coronel Estaca ficou possesso, não pela morte do filho, pois haveria de ter vários, mas sim por não confiar em algo que não pudesse tocar, sentir, provar ou ver. Repreendeu a esposa para ela deixar de falar besteira e ficou com rosto vermelho a noite toda, não suportando a ideia de existir um homem acima dele, o Coronel Estaca, com o sobrenome respeitado por gerações de conquista, suor e honra. Em casa não haveria de ser diferente, ainda que a esposa insistisse em por Deus em tudo que fosse justificativa.

*O menino morreu porque tinha que morrer, desmiolada!* Foi dormir na rede, irritado, e a mulher não se importou, uma vez que já estava acostumada com a falta de credices do marido. Chorou, mas por fim adormeceu, na certeza de Deus lhe abençoar com outro. E não demorou muito, pois o fogo dela e o apetite dele eram insaciáveis, não passando uma noite que não estivesse acesa a chama. Às vezes, um não queria ou o outro esmorecia e isso era um alerta para ambos, aviso que estavam comendo pouco ou em demasia, ou os filhos dando trabalho demais ou a cama carecendo de ser mudada, para tornar tudo mais confortável. Quase sempre eles alteravam a rotina e os hábitos da vida quando a relação sexual não ia bem, e isso sempre ajudava a vida dos dois a tomar caminhos bons ou, pelo menos, mais gostosos.

*Nosso Senhor abençoou seu ventre como abençoa minha prática! Nunca vi criança mais linda que essa, por Jesus! Aí já era demais! Até a parteira o insultava dentro de casa e deve ser ela a colocar coisas na cabeça da minha mulher. Esbravejou como um urso esse menino foi eu que fiz! Eu e ela! Deus não tem nada com isso, velha catimbozeira!* A parteira quase pulou a janela ao escutar os urros do Coronel Estaca, que só não a matou, por ser ela a única parteira conhecida na região. A mulher, que pouco suou no parto, clamou para não se aporrinhar com as idiotices do Coronel, o qual foi atendida graças a um rolinho de dinheiro muito acima do combinado, entregue à velha. Em troca, ela entregou na mão da criança, tomando cuidado com os olhares do Coronel, uma medalhinha de Nossa Senhora do Bom Parto.

*Em todos que fiz, nunca vi uma criança tão abençoada como esta. Parece que não vai ter doença nunca!* Exclamou, guardando na xereca o rolinho de dinheiro e beijando as mãos do neném. E, de fato, o garoto não chorou nem gritou e parecia ser coisa divina mesmo, pois era por demais lindo. Tinha um ar quase angelical, de olhos negros e grandes e com os cabelos pretos iguais ao do pai. De tão grande, a parteira não acreditou quando saltou para suas mãos e duvidou que outra anca, não sendo a da mulher do Coronel Estaca, aguentaria gerar aquela benção até o nascimento? Uma benção, pois a pele da criança era iluminada por uma áurea divina e isso muito agradou a todos inclusive ao Coronel, de sorriso largo e passos firmes, clamava a todos: *eu que fiz, veja! Eu e minha mulher, vejam que meninão perfeito esse! Eu que fiz!* Berrava atônito, encantado com a beleza angelical



da criança, de cor viva e quente. A todos, fosse boi ou empregado, conhecido ou desconhecido, o coronel exibia a criança.

E de tanto fazerem, não demorou muito para nascer outro e nem a mulher nem a parteira acreditaram no que viram, pois a menina era ainda mais bela que o anterior, carregando no corpo um fulgor vivo e quase divino, com a diferença de ser ainda nela, tudo maior. O bebê invejou até mesmo a parteira: *que criança linda, Nosso Senhor! Só pode ser mesmo criatura de Deus, pois o Diabo não faz essas coisas.*

A pobre velha não fez por mal, mas por displicência e hábito, pois estava realmente surpresa pela beleza do bebê, que não chorou e deslizou, tal qual os outros, com facilidade para seus braços. Nem mesmo o cordão umbilical precisou cortar, pois a criança já nasceu sem. Era estranho explicar, mas essa criança, diferente das outras, não tinha nada de humano e tudo de divina. Quando percebeu que repetiu o dizer anterior, não teve tempo de se justificar, pois logo sentiu os berros do Coronel alegando que aquela criança ele o fizera, assim como fez todas as outras! A velha ainda argumentou que aquela menina era muito linda e se o outro não haveria de ter doença alguma essa, além de ser saudável por toda a vida, também haveria de ser atriz de cinema, pois era quase divina e isso enfureceu mais o Coronel, berrando que seu filho não tinha nada de divino e sim, de humano! A parteira saiu do quarto aborrecida e não aceitou o dinheiro do Coronel, dizendo que naquela terra não pisaria, pois era terra de descrente, e que muito sentia pela mulher, a ter de aturar um homem tão amargo quanto aquele.

O Coronel esbravejou e enxotou a velha de casa, ameaçando dar-lhe uma boa coça com cipó de goiabeira, para mostrar-lhe a respeitar os bons modos de um homem tão poderoso. A velha saiu possessa, deixando a mãe desamparada que sentiu, naquele instante, as contrações do parto novamente e não saberia dizer se era outra criança, pois aquilo percorria o ventre e lhe causava uma dor estrondosa nas ancas, como se quisesse rasgá-la ao meio!

O Coronel Estaca voltou ao quarto, desesperado com os gritos da esposa, e a parteira agarrou o broche de Nossa Senhora do Bom Parto, antes de engolir seu orgulho e voltar a entrar naquela casa amaldiçoada, pois o vento que se fez naquela tarde não foi brisa de benção e sim vento que pune, batendo nas portas de casa e arrancando as telhas da viga. Voltou por gostar demais da mulher e de menos do Coronel.

Quando entrou no quarto, fez questão de afastá-lo com rispidez, acudindo rápido o ventre da mãe que saía junto com o feto. A mulher gritava tão alto, que até mesmo o gado no pasto se intimidou, e só depois de alguns minutos a velha conseguiu, com a força que a idade lhe tira, puxar, do ventre da mulher, o útero com amarrações de sangue e acompanhado por um bolo de carne com pus. O recém-nascido começou a chorar.

A parteira segurou a bola de carne, abismada de ali não existir bebê algum, entregando ao Coronel o seu filho. Este, apavorado, soltou o filho no chão, estourando-o. O bolo disforme de carne berrou, mas logo a parteira pisoteou nele com toda força que ainda lhe restava e antes de ser impedida pela mãe, que chorava. Olhou o homem recostado na parede e fazendo o sinal da cruz, arrepiada, suspirou: *pode deixar que esse eu dou pro porco comer, Coronel.*



# SOBRE A AUTORA

---

Por William Soares dos Santos

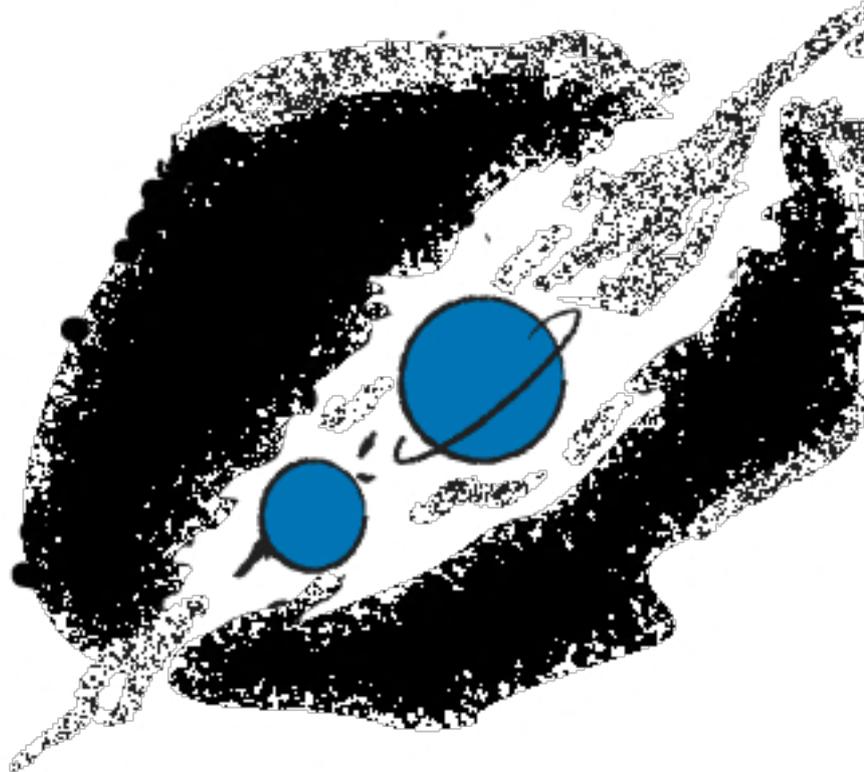
**Sharon Suane** é uma escritora que possui domínio apurado na criação de enredos e diálogos que tendem a capturar o leitor em narrativas cativantes. Sharon explora o universo LGBT+ como poucos autores, uma vez que seus personagens, geralmente, são bem resolvidos. Ou seja, eles sabem bem quem são e o que desejam. A maioria de seus conflitos não são internos, mas com o mundo ao seu redor e com a busca daquela felicidade que somente o encontro amoroso pleno proporciona. Sharon é uma escritora de seu tempo, que explora as características de nosso mundo com habilidade ímpar.

**Sobre o seu conto:** em “Érika”, Sharon nos mostra a ascensão da tensão sexual entre duas mulheres. Com a habilidade narrativa que lhe é característica, a escritora se utiliza de um ritmo narrativo frenético, que lembra o de autores como Ernest Hemingway, para nos mostrar como, mesmo estando uns ao lado dos outros e com todo o aparato comunicativo contemporâneo, a comunicação é algo que pode depender muito mais de vontades, anseios e sinalizações corporais, ou seja, de elementos muito mais primêvos do que possamos julgar à primeira vista e dos quais temos pouca ou nenhuma força de controle nos momentos em que somos tomados pelo desejo.



**SHARON**  
SUANE

# [02]



## Érika

*Sharon Suane*

Tudo com Érika era intenso. Ela tinha esse dom de mudar um ambiente simplesmente entrando nele. Mas a mudança mais drástica sempre acontecia em mim. Era simplesmente impossível nos ignorarmos, éramos dois corpos celestes, atraídas pela gravidade uma da outra, mas quando corpos celestes se chocam eles causam grandes e devastadoras explosões, e quase sempre um dos dois levava a pior.

Ela me conhecia tão bem que chegava a ser injusto, todas as minhas defesas caíam por terra com um simples olhar. Érika era uma caçadora e eu era sua presa favorita.

Como sempre acontecia, assim que Érika adentrou a festa na casa de Pedro o ar mudou, era como se a pressão atmosférica também respondesse a sua inebriante gravidade. A pele negra, os cabelos curtos e enrolados e o jeito despreocupado de ser fazia todos a olharem com um misto de desejo e curiosidade. Sempre com um sorriso brincalhão e um copo de cerveja na mão. Disfarçadamente ela olhava ao redor, querendo manter o mesmo ar despreocupado, mas eu sabia que ela estava procurando algo, ou melhor alguém, eu.

Fiquei parada no mesmo lugar, tomando minha coca diet, esperando o momento que finalmente ela me encontraria, até que bingo, seu olhar se fincou no meu e seu sorriso mudou. Érika se despediu das pessoas com quem conversava e caminhou em minha direção como uma pantera que se prepara pra dar o bote.

- Cassandra - ela arrastou cada uma das sílabas do meu nome - não sabia que você viria. É sempre um prazer te ver. - falou perigosamente perto.

Era mentira. Pedro era meu melhor amigo eu não perderia o aniversário dele por nada, todos sabiam disso.

- É um prazer ver você também - respondi tentando inutilmente não inalar o perfume dela. O cheiro dela era o suficiente para algo dentro de mim se acender como uma árvore de Natal. Pigarreei - Curtindo a festa? - perguntei tentando clarear as ideias.

Érika recuou meio passo, deu de ombros e me olhou de baixo pra cima.

- Não muito... - ela deu um sorriso travesso - por enquanto.

De repente, meu cérebro entrou em parafuso e eu não conseguia parar de olhar pra os lábios dela, meu Deus como eu queria beijá-la.

- Cassandra! - escutei alguém me chamar me tirando do devaneio. Olhei na direção do som e vi Pedro caminhando até mim - Pode me ajudar com as travessas? - perguntou.

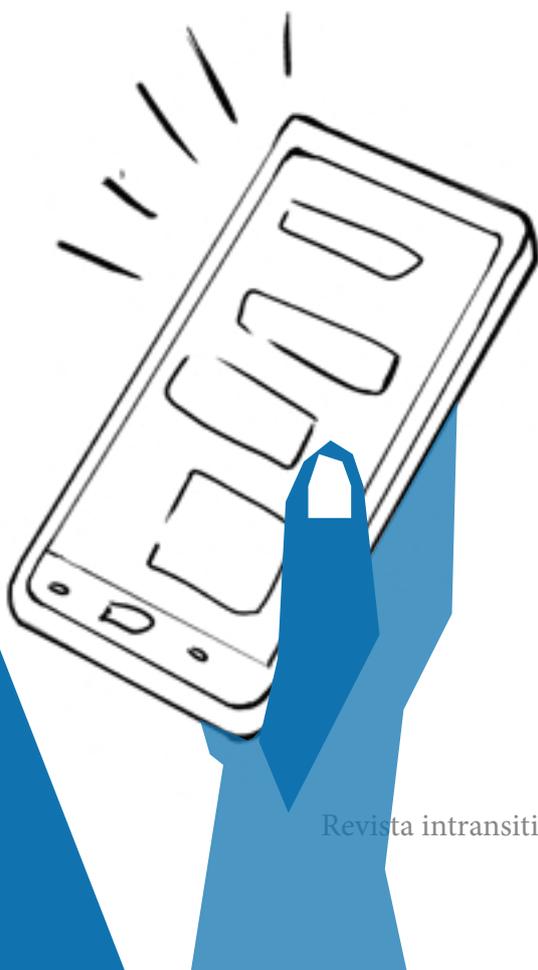
- Claro - respondi de pronto - a gente se fala depois - falei para Érika já me afastando com Pedro.

Passei várias das horas seguintes ajudando Pedro e dando atenção a outras pessoas. Estava exausta quando senti meu celular vibrar no meu bolso de trás. Peguei o aparelho e vi que tinha recebido uma nova mensagem no Instagram, estranhei, a maioria das pessoas só falavam comigo pelo WhatsApp, vencida pela curiosidade abri o app e vi a mensagem de Érika.

“Vai mesmo me ignorar a noite inteira?” Perguntou.

“Não estou te ignorando” devolvi.

Tínhamos acabado de nos sentar no sofá. A grande maioria das pessoas já tinham ido embora. Pedro estava sentado no chão e apoiava a cabeça nas minhas pernas. Érika estava na poltrona com as pernas esticadas pra frente. Uma das mãos fazia cachinhos nos próprios cabelos enquanto a outra segurava o telefone. Além de nós três havia também Charlotte, namorada de Pedro, Luiz, André e Amália.



- Vocês já viram o novo filme da Marvel? - perguntou Pedro puxando assunto enquanto fazia cafuné em Charlotte.

Érika engatou na conversa com Pedro, mas continuou com o telefone na mão digitando e logo outra mensagem chegou pra mim.

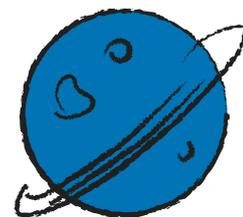
“Então pq eu quase não te vi a noite toda?” Questionou. Pontuei algo no assunto da vez antes de responder.

“Estava ocupada” e logo em seguida complementei “É complicado”

Dessa vez a resposta de Érika demorou, já que ela está realmente interessada no assunto.

“Complicação é algo que criamos” “basta descomplicar”.

Assim que li as palavras não consegui evitar o riso bufado e a revirada de olhos.



“Tão fácil falar...” ponderei e larguei o telefone no sofá para interagir com os outros. O assunto agora era melhores e piores filmes e séries. Enquanto conversamos evitei, deliberadamente, olhar para Érika.

Em algum momento durante a conversa a menina se levantou para pegar algo na cozinha e ao voltar, ao invés de se sentar na poltrona, sentou-se ao meu lado no sofá. Catei o telefone ainda evitando olhar para ela.

“Sim, realmente é muito fácil falar”. “Difícil mesmo é ter vc tão perto e não poder te tocar”.

Mais uma vez um sorriso involuntário se formou em meus lábios, mas dessa vez foi de pura excitação. Tentei disfarçar, mas tinha certeza que tinha falhado.

“Quem te proibiu de tocar?”. Perguntei entrando no jogo dela.

“Pensei que fosse complicado...”. Ela escreveu.

“Pensei que a complicação foi criação nossa...”. Devolvi e a ouvi rindo ao meu lado enquanto lia.

“Engraçado” “vc parece tão relaxada falando por aqui”, “mas não olha pra mim nenhuma vez”.

Quase como se aquilo tivesse sido um comando, virei a cabeça e encontrei o olhar de Érika. Nos encaramos pelo que pareceu uma eternidade, mas tenho certeza que não foram mais que alguns segundos.

“Pronto! Olhei”, falei no direct rindo.

Quase puder sentir Érika revirando os olhos.

“É incrivelmente difícil ficar perto de vc”.

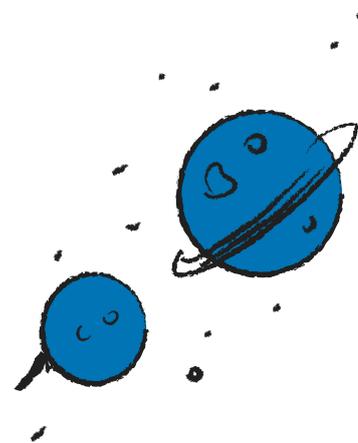
Olhei por cima dos ombros para ela, antes de responder.

“Pq?”, perguntei confusa.

“Familiaridade”

Antes que eu pudesse questionar Érika novamente Pedro anunciou que iria se deitar, o que acabou sendo uma deixa para o resto de nós.

Engoli em seco enquanto caminhava para o quarto com Érika. O esquema era padrão, eu e Érika sempre dividíamos o quarto de hóspedes quando íamos à casa de Pedro. Dessa vez havia mais pessoas e o quarto só tinha uma cama de casal, mas Pedro tinha disposto alguns colchonetes para o pessoal.



- Pode ficar com a cama - ofereceu Érika - ainda tem um colchonete.

A oferta me pegou tão desprevenida que nem sequer debati, apenas me deitei na cama sem tecer qualquer comentário enquanto Luiz apagava a luz mergulhando o quarto no escuro.

“O que exatamente vc quer dizer com isso?” Perguntei a Érika no direct retomando o assunto.

“Sabia que estar aqui hoje me faria querer ficar com vc” ela escreveu sem rodeios.

“Ah...” senti meu rosto esquentar automaticamente. Não sei se o que eu e Érika tínhamos podia ser chamado de história, mas era algo de alguma forma definido, acho que podemos nomear como uma amizade colorida. Às vezes mais amizade, às vezes mais colorida. Mas havia quase um ano que não tínhamos quase nada das duas coisas. Érika tinha os rolos dela e eu os meus, sem qualquer motivo aparente o “nós” tinham quase se findado.

“Pq vc decidiu dormir no chão?” “A cama é pequena demais pra você?” Provoquei.

“Respeito”. Foi a resposta dela que me fez rir.

“Respeito demais às vezes atrapalha...”

“Atrapalha mesmo”, esperei para ver se ela escreveria mais alguma coisa, porém nada mais foi dito.

“Se você prometer se comportar pode vir deitar comigo”, convidei tentando inutilmente não ficar tímida.

“Não costumo fazer promessas que não posso cumprir”, foi a resposta dela, mas escutei um movimento e logo em seguida uma parte da cama afundou com o peso da menina.

Me virei na cama ficando de frente para Erika e na escuridão que nos rondava só conseguia ver o branco dos seus olhos.

Nos encaramos por sei lá quanto tempo, enquanto na minha cabeça mil pensamentos passavam em uma velocidade absurda.

Será que ainda havia cor na nossa amizade? Será que ela estava com alguém? Será que devíamos mesmo resistir a força gravitacional que nos atraía? Será que sairia algo de bom da colisão desses corpos celestes?

Eram perguntas demais e respostas de menos. Érika também não tomou qualquer atitude simplesmente encarava de volta no escuro.

Na falta de respostas e ações acabei simplesmente virando de costas para ela, com uma mistura de irritação e frustração. Mas, por mais que tentasse dormir, não conseguia. Eu até tentava me mexer o menos o possível, mas eu não era muito boa nisso.

Achei que nesses vários minutos Érika havia realmente pegado no sono, mas vi que estava completamente enganada quando senti uma mão entrar de baixo da minha blusa e pousar na minha cintura. A mão apertou de leve meu quadril enquanto o corpo de Érika se colava às minhas costas e ela deu um beijo bem no meio da minha nuca, fazendo todo meu corpo se arrepiar e acender.

- Às vezes você pensa demais - sussurrou no meu ouvido.

E assim que concluiu a frase se afastou virando de costas pra mim. Nesse momento, mandei toda a autopreservação e pudor para o inferno. Virei na cama com velocidade, puxei Érika colando suas costas no colchão e encaixei uma das minhas pernas entre as suas. Me inclinei e coleí os lábios nos dela. E, finalmente, me entreguei aos efeitos da grande e devastadora colisão.

---



# SOBRE A AUTORA

---

Por William Soares dos Santos

**Paula Isabelle** possui uma escrita refinada que tende à reflexão apurada dos comportamentos humanos em sua dinâmica existencial. Lendo Paula, somos tentados a comparar a sua escrita com aquela de autores com a tendência a refletir sobre a condição humana como, por exemplo, Clarice Lispector. Sem ser moralizante, a sua escrita pode nos remeter, também, à filosofia de Hanna Arendt, principalmente porque explora elementos como os limites e as implicações de nossas ações no mundo público e no privado e o quanto somos responsáveis por elas.

**Sobre o seu conto:** Em seu conto “Humanidade”, a escritora explora as consequências da violência, ao mesmo tempo em que nos leva a questionar o sentido de “humanidade” atribuído por diferentes personagens a partir do confronto de suas distintas perspectivas em que testemunham experiências de violência. A autora conta com a cumplicidade dos leitores, em um jogo no qual ela lhes revela a totalidade da trama, enquanto deixa aos personagens a compreensão limitada de suas experiências.



**PAULA**  
ISABELLE

# [03]



## Humanidade

*Paula Isabelle*

João estava sentado no banco da praça enquanto fitava o chão. De longe avistou o que devia ser uma barata. Parecia grande. Movido pela curiosidade jovial, aproximou -se do ser rastejante que lhe fazia retorcer o estômago. Logo viu que se tratava não de uma, mas sim, duas baratas. A mais repugnante de todas vinha vagarosamente, como se doente, estivesse sendo guiada pela segunda, a menos asquerosa, talvez porque fosse a menor. O menino pensou em quão insignificantes eram aquelas duas coisas diante de seus pés. Como eram diferentes dele, com seus braços, pernas e olhos. E decidiu, na sua grandiosidade, divertir-se com os dois insetos, que inocentes nada sabiam - ou pareciam não saber - de sua existência.

Pegou primeiro um pauzinho que estava caído pela grama verde e com ele cutucou de leve a inválida. A barata maior, caso alguém tenha se esquecido. Ela tremeu ao contato da madeira, mas, não correu. Acho que não conseguia agir rapidamente. Sua parceira, por expansão vibrátil do toque, também estremeceu. Parou. Como quem sente que algo está errado, virou a cabecinha de um lado para o outro. Naquele instante, parecia decidir o que fazer. Até que correu, sumindo de vista. No entanto, é preciso dizer que, antes de sua fuga, hesitou em deixar sua amiga debilitada para trás. Tinha algum princípio de humanidade. Quero dizer... se bem que era uma barata. Não importa. Tentou ajudar a outra, aquela que João decidiu cutucar primeiro, porque além de ser grande lhe pareceu a mais frágil, lerda e horrenda. No fim, restou apenas a condenada e seu algoz, ou melhor, não vamos fazer juízo de valor, eram apenas a barata e João. A sós, no parque.

No auge de seu poder, o garoto decidiu aplicar o que podia ser o melhor método de estudo daquele serzinho. Pensou, de início, em pisar na pobre barata, tão menor que ele. Mas, concluiu que seria uma morte rápida. Sem graça. Foi então que, munido com o pauzinho, separou uma a uma as patinhas daquele bichinho tão feio. Porém, já que aquela ínfima partícula de vida não demonstrou resistência, cansado, imaginando-se prefeito de uma cidade sem qualquer diversão, encerrou os negócios políticos e deu cabo do inseto. Imediatamente, a barata menor, que tinha sumido - não se sabe de onde veio - reapareceu correndo, em desespero, para junto da defunta.



Como se fosse dono da vida, ou na verdade, a materialização da própria morte, João decidiu o destino da segunda vítima, da mesma maneira como fez com a primeira. Não é necessário descrever em detalhes o horror que se sucedeu, mas adianto que os dois corpinhos ficaram no chão. Sem parentes, suas iguais, para velar os cadáveres. Só as formigas que vieram recolher os restinhos e dar nova vida, mesmo que indireta, às baratas, através da antropofagia. O reino animal tem seus encantos! Assim, formou-se uma fila de trabalhadoras muito dispostas, quase cegas no cumprimento de seus esforços.



Enquanto isso, o executor ia de consciência limpa pela rua abaixo, rindo-se por ser muito diferente dos insetos. Nesse momento, cruzou com um grupo de garotos, maiores, mais velhos e muito mais fortes que ele. Deviam ter alguns cinco, talvez seis anos a mais. Já os conhecia. Perguntaram qual era a graça de que João tanto ria. Estatelou, paralisado e em silêncio. Estava com medo. Tiraram abruptamente o pauzinho que carregava nas mãos, troféu do espetáculo anterior. Ele tentou recuperar seu objeto. Tomou um soco em resposta. Caiu. Depois um chute. Até que ameaçaram dar outro. Ele se encolheu. Porém, os meninos desistiram de continuar com as agressões. Imagino que viram que dali não tirariam mais nada. Então jogaram o graveto no chão, pisaram na madeira, partindo-a em migalhas e saíram gargalhando. Sem qualquer remorso. Duas meninas que vinham logo atrás viram a cena e tentaram correr para ajudar, mas perceberam que já era tarde. O menino, que levava a camisa encharcada de sangue, os olhos chafurdando em água, levantou-se e correu para longe.



As duas amigas, que nada sabiam sobre o motivo da agressão anterior, tiveram que continuar o caminho. Entraram na pracinha e avistaram uns pontinhos que, unidos, formavam linhas em movimento. Se aproximaram da fila instável até que compreenderam que era composta por formigas. Apertaram os olhos para discernir, com algum esforço, que algumas delas carregavam nas costas o corpo de uma barata. Se bem que parecia enorme. Ou era mais de uma? Não sabiam. Mas, lá iam as operárias com todo o peso de outra vida sobre o corpinho pequeno. As garotas ficaram por uns segundos admirando a cena. Na verdade, estavam assustadas. Acharam aquilo tudo muito estranho, então uma delas comentou:



- Credo, será que as formigas mataram a barata?





A outra horrorizada:

- Sei lá, melhor não saber.... É nojentol!

Olharam-se por um instante até que se reconheceram humanas. Carne, sangue, músculos e ossos. Perceberam que o que se passava diante de seus olhos, uma carnificina, era coisa de seres pequenos. Foi por isso que uma delas, inconscientemente, concluiu:

- Ainda bem que a gente não é assim.

A amiga concordou:

- Claro que não, a gente não mata uns aos outros. Eca! A natureza que é estranha.

Preferiram sair de perto daqueles seres enfurecidos para brincar com calma na praça. Olharam ao redor na procura de um lugar com sombra e, por acaso, avistaram, distante, o menino que apanhou minutos atrás. Soltaram um suspiro de pena. Pobrezinho. Permaneceram por alguns segundos pensando na crueldade da situação; não sem antes pisar em uma ou duas formigas que, perdidas, atreveram-se a cruzar o caminho. E assim, os restos dos insetos ficaram - não se sabe por quanto tempo - sobre a terra, como uma lembrança da nossa humanidade.

---



# SOBRE A AUTORA

---

Por William Soares dos Santos

**Maria Évili S. Ferreira** é uma escritora que explora o universo urbano em histórias bem elaboradas que tendem às narrativas de maiores dimensões. Ela possui excelente domínio das tramas que elabora, geralmente, conduzindo seus leitores para finais não esperados, mas que fazem todo o sentido no plano geral da história. Lendo os seus textos é difícil não pensar na riqueza de escritores como Georges Simenon, embora aqui ela nos traga algo um pouco diferente.

**Sobre o seu conto:** em “Missão”, Maria Évili explora a ida às compras de um grupo de jovens do subúrbio do Rio de Janeiro. Em uma narrativa que nos lembra os textos de autores como Geovani Martins, ela nos mostra como uma tarefa simples pode se tornar uma verdadeira missão, dependendo da classe social e dos recursos que se tem. O final aponta para um moto contínuo, no qual a megalópole nunca para de cobrar um preço injusto para mal abrigar seus habitantes, principalmente aqueles menos favorecidos.



**MARIA ÉVILI**  
S. Ferreira

# [04]



## Missão

*Maria Évili S. Ferreira*

Eles estavam animados, o Halloween estava chegando e tiveram a ideia de fazer uma pequena festa para comemorá-lo, a festa seria poucos dias depois da data oficial, mas isso não tinha importância, o primordial era estarem juntos e se divertindo. Saíram na árdua missão que lhes foi confiada - de comprar itens decorativos para caracterizar o ambiente -, tinham combinado de ir às compras naquela semana, mas ao pensarem que a data estava chegando, haveria grande procura e poderiam ficar sem opções, resolveram ir no dia seguinte mesmo.

O dia estava quente, típico clima carioca, o sol de quarenta graus preenchia o céu sem nuvens e o longo caminho sem sombras até a feira os esperava. Na realidade, o caminho era de apenas quinze minutos, mas, naquelas condições, tudo se tornava pior. Na saída decidiram pedir o carro do vizinho emprestado - era um Chevette - e explicaram que queriam o carro para trazer as compras, mas na verdade era para não ter que ir e voltar andando no sol. Só havia dois motoristas entre os amigos, um iria dirigir na ida e o outro na volta, para não ter brigas. Entraram no carro e abriram as janelas manualmente, afinal, não tinha ar condicionado, teriam que contar com o vento natural para se refrescarem. Partiram rumo ao destino com os cabelos voando pela brisa quente, conversavam animadamente sobre assuntos aleatórios para se distraírem, falavam sobre as novidades na vida de outras pessoas, sobre situações passadas que divertiam a todos e sobre como queriam que as festas de Halloween brasileiras fossem iguais às dos Estados Unidos, cujo costume é ir de porta em porta pedir doces e dizer: “gostosuras ou travessuras?”, para encerrar o assunto chegaram à conclusão que o Halloween brasileiro é o dia de São Cosme e Damião, onde as crianças também saem pela

vizinhança procurando doces. Ao virar a esquina da rua da feira, fecharam os olhos, a luminosidade do sol refletiu fortemente fazendo-os recuar, reduziram a velocidade para achar um lugar para estacionar, olhavam nervosamente em busca de uma vaga, a fila de carros começava a se formar atrás deles, já estavam passando pela segunda rua atrás da rua que realmente iriam, o suor já escorria pela testa, até que...acharam! Um carro liberava um espaço naquele instante e foi a chance perfeita para os amigos. Andaram de volta as duas ruas até a feira, a garganta começava a ficar seca, a tentação de usar o dinheiro na compra de um sorvete era evidente, mas a missão precisava ser cumprida.

O olhar vagueava entre os blocos de concretos enormes que juntos formavam um conjunto de lojas, nas calçadas a extensão de barracas de madeira davam o nome do que chamamos de “feira”, não era uma feira apenas de frutas, mas aquela feira que possui de tudo um pouco, é o primeiro lugar que pensamos em ir ao comprar algo, pois sabemos que encontraremos lá. Juntando a extensão das lojas com as barracas se deram conta que teriam que andar bastante, resolveram se dividir para ser mais rápido e produtivo. A primeira loja, em que uma parte do grupo entrou era familiar, era costuma as compras ali, dentro do recinto as decorações de Halloween se misturavam com as de Natal, mas como a festa de fim de ano é mais lucrável, pouco encontraram sobre o Halloween que valesse a pena comprar. Ao saírem avistaram uma barraca de fantasias do lado, a surpresa se deu ao verem fantasias tão realistas, as ideias começaram a aflorar nas cabeças de todos, afinal, era impossível comprar aquelas vestimentas tão caras, então a solução era fazer do melhor jeitinho brasileiro: pechinchar! Imploraram de um lado, argumentaram de outro, mas não teve jeito, a vendedora foi irredutível e não abaixou os preços. Alguns decidiram ali mesmo qual personagem dariam vida e tiraram fotos para guardar como inspiração, teriam que improvisar, será que as ideias dariam certo? Continuaram na procura.



Em outro local da feira outra parte do grupo encontrou o que procuravam: variedade de acessórios decorativos! Havia caveiras, abóboras, bruxas, aranhas..., tudo que uma festa de Halloween tem direito, mas era necessário cautela, pois o dinheiro era pouco, escolheram os itens principais. Ao saírem, o sol já estava se pondo, sinal que mostrava a quantidade de tempo que utilizaram para completar a missão, a sede já tinha ido embora e dava lugar a fome, passaram horas percorrendo de loja em barraca e a adrenalina das ideias que estava em suas veias já ia se esvaindo. Enquanto uma parte do grupo esperava a outra chegar no local combinado, resolveram comprar alguns biscoitos para enganar a fome. Quando se juntaram novamente reuniram as mercadorias para terem a noção do que tinham, na sacola de compras havia: teia de aranha, velas, plaquinhas decoradas para tirar foto, balões a caráter e mais alguns materiais para fazer a decoração manualmente. Se deram conta que as teias de aranha artificiais compradas não seriam suficientes, resolveram comprar mais quantidades, mas ao verem o troco dos biscoitos - as poucas moedas não atingiam o preço necessário, teriam que contar com as teias de verdade do lugar da festa para ajudar. Fizeram o caminho de volta para o carro com a pouca força que ainda restava, os assuntos de conversa já haviam acabado. A festa seria dali a uma semana, não teriam muito tempo para se organizar, cada um se acomodou em seu respectivo lugar no carro, não havia nem mais disputa por quem iria dirigir, a sensação da missão cumprida enchia seus corações, mas a sonolência do cansaço preenchia os corpos de todos. O motorista virou a chave para acionar o carro, ele não ligou, tentou mais uma vez, sem sucesso, aqueles que estavam sonolentos começaram a despertar com a chance de haver um problema, por que o carro não andava? O motorista tentou mais uma vez e... nada. Os integrantes do grupo se olharam, um por um, e o mesmo pensamento passou na cabeça de todos: Mais uma missão se iniciava.

---



# SOBRE O AUTOR

---

Por William Soares dos Santos

**Eduardo A.** é um daqueles escritores que começou a praticar a sua vocação em nossa oficina. O conto que trazemos é uma de suas primeiras produções. Em sua escrita ele explora o ser em confronto com seu destino e a dificuldade de realizar escolhas que levem o personagem a encontrar um lugar de conforto na existência.

**Sobre o seu conto:** em “O colecionador de palavras” temos um personagem homem que fala diretamente com o leitor e que, não obstante tenha nascido em um ambiente privilegiado ao desenvolvimento de suas habilidades, não sabe o que fazer com seus talentos. Em uma escritura que nos faz lembrar o romance Oblómov, de Ivan Gontcharov ou as Memórias Póstumas de um anti-herói brasileiro bem conhecido, o autor nos remete à ideologia “black pill” dos “Incels”, (“involuntary celibates” ou, em português, “homens virgens involuntários”). Os “incels” “black-pilled” acreditam em um conjunto de crenças que envolvem, entre outras coisas, o fatalismo e o determinismo biológico para justificarem a sua misoginia. Ou seja, é preciso muito Freud para tentar explicar.



**EDUARDO**  
A.



# [05]



## O Colecionador de Palavras

*Eduardo A.*

No início, era nada. Depois, o verbo fez-se carne. Não digo que acredito que sou das criações de Deus pois isso implicaria que Ele comete erros. Espera. Fui do extremo começo para o extremo fim. Entre eles há uma lacuna, e é dela que devo começar.

No início, era nada. Com o tempo, o verbo fez-se carne. Quando ouço alguém dizer algo sobre seu próprio nascimento, o miserável sempre tem a intenção de querer mostrar que foi algo diferente do normal ou até de justificar que o que aconteceu naquele momento já era um prelúdio do que viria no decorrer de sua vida. Povo idiota. Minha chegada por aqui foi tão natural quanto a de qualquer outro, cheguei sem saber dizer sequer uma palavra. Curiosamente, morri do mesmo jeito.

Posso dizer que minha vida era como uma ópera frequentada por uma burguesia decadente; meu público fazia esforço para apreciar o que via com o intuito de se enobrecer. Ainda tal qual uma ópera, figurantes saíam e entravam a cada interlúdio sem que pudessem ter sua identidade reconhecida. Assim como eles, com meu público e como esses figurantes, foram as pessoas na minha vida; entravam para serem vistas e saíam sem serem notadas. E assim serão lembradas aqui, como interlúdios.

Atingi a maturidade cedo... Aos sete meses já tinha dito minha primeira palavra: Edro. E o que seria Edro? E se eu disser que Edro é Pedro? Pedro é o pai que tive, o qual mãezinha sempre falava. Não posso dizer que sabia o que ela dizia, mas tenho certeza que não era sobre as coisas boas que

Pedro fazia. Assim que viram que comecei a falar cedo, já pensaram que eu era um daqueles pontos fora da curva. Tão logo, começaram a me ensinar um milhão de coisas e repreender imediatamente qualquer um dos meus erros. Mãezinha sempre dizia orgulhosa que, ao fim de uma semana após ter dito Edro pela primeira vez, Edro já tinha virado Pedro. Agora, imaginem vocês quantas vezes eu não tive que ser corrigido ou quantas vezes ela falava nele. Se eu ficasse de boca calada, minha vida teria sido mais fácil, tenho certeza. Ainda hoje, ponho o “p” na frente das coisas; antes de fazer algo já invoco logo o “p”, de “puta que pariu”.

Me puseram, já cedinho, numa daquelas escolinhas onde os fedelhos já parecem adultos, “pra mim fazer” todas as coisas que esperavam de mim. Logo ali, já me disseram que “mim” não faz nada, que “mim” é índio e que eu era homem branco, civilizado, burguês, europeu, que teria um futuro grande porque tinha herdado a inteligência de meu vózinho francês, que era um escritor famoso – Adivinhem vocês como descobriram isso por lá... Tenho certeza que a culpa é toda do velho. Fez Pedro virar o que se tornou para fingir que não se importava com a própria mediocridade.

Depois, veio a porra da professora que já disse logo que eu era bom com os números também. Nem posso dizer que a cretina era uma daquelas mentirosas que massageiam o ego dos pais que, não satisfeitos em perturbar os filhos, ainda perturbam os professores.

Mas era a sina de vózinho a que mais me perseguia. Tornei-me um soberbo colecionador de palavras, empertigado. Nem posso dizer que Pedro e mãezinha estavam errados, eu era foda mesmo. Não demorou muito e comecei a perceber que subordinar todas as palavras não era suficiente para compensar minha inaptidão em lidar com as coisas que não sabia dizer. Foi no dia que fui defender a menina Luana “que chupa banana”. Eu, como cavaleiro, francês, burguês, homem branco e civilizado levei duas surras naquele dia; a primeira do Enzo depois de tentar afagar a dor de Luana com os punhos na cara de Enzo que continuo dizendo “Luana chupa minha banana”. Já a segunda surra, partiu de Pedro que sempre avisou de antemão que, se apanhasse na rua, apanharia de novo, em casa. Foi-se dito e foi-se feito.

Tive um conforto aquele dia, depois de não conseguir respirar de tanto chorar. Chorava não só porque era aquela coisinha magra, pálida de maçãs enrubescidas que apanhara de dois brutamontes, mas também porque não conseguia contar pra mãezinha o motivo do choro. Quanto mais ela perguntava, mais eu desmanchava. Enquanto me aflagava no seu colo e guardava os dedos no meu cabelo, mãezinha me ensinou a estalar. Ela me disse que quando ficava triste assim, estalava tudo que conseguisse, enquanto contava o número dos ‘tracks’ e, ao mesmo tempo, respirava de olhos fechados, como uma Justiça indolente. Ela me disse para tentar, mas eu não consegui estalar sequer um dedinho! Ela estalou, então, os dedos da minha mão esquerda. Um. Dois. Três. Quatro. Cinco. Assim que terminou, disse para eu tentar com os da mão direita agora. Seis. Sete. Oito. Nove. Dez. Com o mérito da cura, até passou minha agrura. Ah, como amava o cheiro de Mãezinha.

No decorrer dos anos cresci feito massa de pão. Servindo de alimento para as bactérias que se alimentavam de mim e me retribuía com gases. Enquanto os outros ainda lidavam com a liquidez, eu já tinha que lidar com os gases. Os gases, em vez de me afofar, só me faziam querer estourar. Claro que fui muito bem sovado também, apanhei de todos os lados e de várias mãos o que, depois de ir ao forno, me fez ficar com a casca durinha, mas macio demais por dentro. Perfeito pra ter

o miolo arrancado. Mais um pouco, e aprendi todas as coisas que um homem sério dizia: “sim” querendo dizer “não”; “por favor”, como se estivessem me fazendo um. E, sobretudo, aprendi a mentir sobre as coisas que sentia. O fazia tão bem que eu até eu mesmo me convencia, até então.

Foi dessa mistura de autoapatia com talento pessoal que eu somava o montante mensal que legitimava as coisas por quais passara. Foda era ver que coroavam Pedro com meu reino... Mãezinha não teve esse mérito, foi-se embora cedinho... Ainda tiveram a coragem de me dizer que Deus leva os bons primeiro. Nem eu, com toda minha soberba, me atrevia a dizer como Deus agia, já Pedro e os outros... se achavam os próprios apóstolos. Jesus tá fodido... Acreditar em Deus era, acima de tudo, um consolo. Não por saber que são bem-aventurados os justos, mas por saber que o inferno aguardava tanta gente. Pedro ia dormir bem quentinho, certeza.

Certo dia, tive que cuidar da Bruna. Bruna era filha da vizinha, Antônia. Primeiro me perguntei que tipo de mãe largava a filha com o vizinho. A mão de vaca nem pra chamar uma babá. A doida devia achar que só porque sou bonito, automaticamente, não sou a porra dum pedófilo. Depois de um tempo, comecei a pensar que Antônia era mais uma Maria que tinha mais um Pedro como José. A verdade era que eu até gostava da fedelha, ela era do tipo que sempre falava alguma coisa que te fazia pensar. Pensar em mandá-la calar a boca, às vezes, mas, ainda assim, te fazia refletir.

Comigo não foi diferente, minha "pequena plebeia" me disse que quando alguém demora muito para responder algo ou é porque não sabe a resposta ou, pior, que a pergunta não tem resposta. Disparou essa logo depois de ter me perguntado o que eu mais gostava na vida e eu não ter conseguido responder. Acho que Bruna era só uma criança normal que colecionava as perguntas e não as palavras.

Quando digo que coleciono palavras não era só por guardá-las em mim, mas também por guardá-las para mim. Todos me ensinaram o que falar, mas poucos aprenderam a ouvir e, por isso, desaprendi de dizer. As palavras, as mesmas que colecionava, me punham no fio da navalha. Sempre tive de recorrer a estalar, mas estava ficando muito frequente.

Estalar era a prova de que eu ainda estava conectado com as partes do meu corpo apesar da dormência da minha vida. Estalar os dedos me dava o alívio de saber que ainda tocava alguém; os antebraços, de que poderia responder a um abraço; a coluna, que poderia continuar de pé depois das quedas; os tornozelos, que meus pés poderiam continuar correndo das coisas.

Os dias se repetiam e eu não conseguia dizer as coisas que sentia. Chorava até soluçar e, então, até não conseguir respirar. Estalei tudo: os dedos, os pulsos, os tornozelos, os joelhos, as costas, mas não passava. Recorri, por fim, a estalar a única coisa que mãezinha nunca estalou, o pescoço. No ‘track’, me veio justo seu cheiro me chamando para dar passeio.



TRAC

TRAC

TRAC

# SOBRE O AUTOR

---

Por William Soares dos Santos

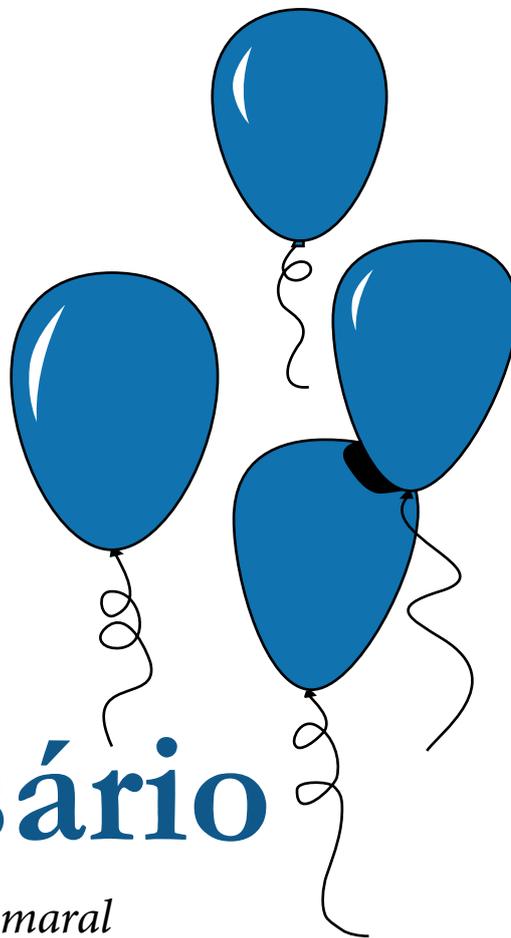
**José Ribeiro do Amaral** é, antes de tudo, um exemplo para todos nós. Septuagenário, está terminando o curso de Letras Português-Literaturas e é um dos membros mais ativos da oficina. Com sua leitura atenta, ele sempre nos prouve de reflexões pertinentes sobre a produção de seus colegas. Sua escrita é marcada por um caráter fortemente memorialista. Lendo os seus textos me lembro muito da produção de contos de Liev Tólstoi. Em ambos, tão ou mais importante quanto o enredo é a descrição dos movimentos de seus personagens, que desvelam minúcias sobre a existência humana, nem sempre tão claras para seus leitores, gerando um estranhamento como se estivéssemos contemplando algo pela primeira vez.

**Sobre o seu conto:** em “Aniversário” temos a narrativa de uma festa de aniversário de uma mulher octogenária. Em sua descrição, o autor resgata sutilezas presentes em um evento em que diferentes pessoas, com seus distintos comportamentos e interesses comparecem e, em última instância, nos chama atenção para a fragilidade da existência humana, sempre em suspensão.



**JOSÉ RIBEIRO**  
DO AMARAL

# [06]



## Aniversário

*José Ribeiro do Amaral*

**D**ona Jandira, ao completar mais um ano de vida, gostaria de relembrar os bons tempos de sua infância, quando tudo era fantasia. Aos oitenta e seis anos de uma vida alegre, ela resolveu comemorar mais uma primavera fora do seu domicílio e, para isso, convida os amigos do bairro.

A família, pouco a pouco, veio chegando e a cada um é dado um tratamento especial. Afinal, tudo era festa. Essa comemoração se deu em Ipanema, por ser um bairro tradicional da cidade do Rio de Janeiro. Ali se encontra um casarão muito antigo, onde as famílias do tempo do império gostavam de comemorar seus dias gloriosos e aproveitavam para assistir algumas peças, uma vez que o teatro era a diversão preferida daquele tempo.

Os convidados estavam bem trajados. Os amigos surgiram de vários bairros do Rio de Janeiro e se apresentavam eufóricos. Pois a festa era também uma oportunidade para encontrar velhos conhecidos e abraçá-los. O descontentamento ficou por conta da ausência do marido que, por razões ignoradas, ainda não havia chegado.

Dona Jandira teve filhos e muitos netos que iam com suas roupas de festa. Ternos e vestidos com plumas e paetês. Era o costume naquelas festas tradicionais. A dona da festa apresentava a filha, com quem morava. Depois de cumprimentar a todos, teve início as atividades. As duas meninas, já de seios apontados, desfilavam com seus irmãos. Com estilo, desfilavam e exibiam os melhores vestidos enfeitados com babados e anáguas engomadas, como era tradição daquela época. Um dos meninos estava acovardado, ainda que trouxesse a gravata exuberante.

Tudo pronto: as cadeiras foram dispostas ao longo da parede para que os convidados se sentissem à vontade e houvesse espaço para as pessoas dançarem. Os meninos de cabelos lisos e bem penteados não sabiam que decisão tomar e, por isso, se juntaram à família. Depois, veio a nora com dois netos e a “babá”. O marido viria depois. Ela tinha seis irmãos homens. Tudo estava decidido há meses. Ali era um lugar propício, pois tinha espaço para alojar a todos.

Dona Zilda estava na cozinha, junto à secretária e assim, começaram a dispor os croquetes e sanduíches que fartavam a todos. Ciosa e bem uniformizada, a babá cuidava da recepção até que chegasse a hora dos parabéns. Dona Jandira, a dona da festa, arrumava a mesa bem cedo, enchera-a de guardanapos coloridos e copos finos alusivos à data. Espalharam os balões pelo teto e em alguns estava escrito “Happy birthday” e em outros “Feliz aniversário”.

No centro, havia uma mesa enorme. De, aproximadamente, dezesseis metros quadrados. Imaginem o público ali. Foi disposto um enorme bolo açucarado e, como de costume, velas para enfatizar a festa. No centro do bolo estava cravado o número 86.

E, para adiantar o expediente, enfeitaram a mesa logo após o almoço que fora blindado com bebidas finas: coquetéis, licor e vinhos famosos vindo de Paris para engrandecer o ambiente. As cadeiras já estavam encostadas na parede para liberar espaço.

Mandaram as crianças brincarem no jardim, pois, assim, não desarrumavam a mesa. E, para adiantar o expediente, vestiram a “noiva” logo depois do almoço. Puseram seus brincos de ouro de vinte e dois quilates e, ainda, uma presilha em torno de seu pescoço e um broche de marca famosa. Enquanto isso, borrifaram-lhe vários jatos de água de colônia, perfume caro e famoso nesse período.

Desde as catorze horas, a aniversariante estava sentada à cabeceira da longa mesa. E, de vez em quando, vinha-lhe aquela angústia muda com o voo das moscas em torno do bolo super doce. Após a distribuição dos presentes, seu marido, o Senhor Francisco, também já idoso, afastou-se do recinto e, ao retornar, o garçom ofereceu-lhe um delicioso pedaço de bolo. “Não! Perdoe-me, por favor. Não quero ser imprudente. É que sou diabético. Só queria ter o dia e deixar a ‘Tia-Bete’ com a euforia desse grande evento”.





# SOBRE A AUTORA

---

Por William Soares dos Santos

**Carla Abrahão** é uma escritora que explora habilmente o universo intimista urbano. Mostrando, quase sempre, personagens que se tornam frágeis em confronto com elementos opressores da cidade. De natureza que leva quase sempre à reflexão existencial, o seu trabalho traz personagens que se aproximam daqueles criados por escritores como Ignácio de Loyola Brandão, principalmente daqueles que mostram, os seres humanos presos às neuroses e às ditaduras de seu tempo. E cada tempo produz os seus próprios padrões de autoritarismos.

**Sobre o seu conto:** No conto “Cores”, Carla aborda a necessidade de mudança frente a um mundo opressor que, no entanto, não se revela inteiramente. É somente através de pequenos movimentos na narrativa que o leitor é capaz de ver que uma crise está instaurada e com ela o movimento para a sua resolução. Mas a resolução nem sempre é garantia de uma promessa de felicidade.



**CARLA**  
ABRAHÃO



# [07]



## Cores

*Carla Abrahão*

Fitou o guarda-roupa marrom. A cor neutra se destacava coloridamente entre as paredes cinzas, acompanhadas apenas por detalhes brancos. Os lençóis na cama, a mesa velha e uma cadeira confortável, todos respeitavam a escala preto-cinza-branco. Menos o maldito armário marrom. Não lembrava a ocasião na qual o comprara, mas na época não o incomodava como agora.

Abriu as portas com um tom maior de agressividade do que o necessário. As roupas, felizmente, ainda obedeciam às suas regras. Tecidos pretos e brancos contrastavam entre si. O detestado emprego de advogado favorecia, pelo menos, sua inclinação à monocromia.

Não se demorou escolhendo ou vestindo a roupa. Não tinha muito com o que se distrair naquela solitária casa. O silêncio agonizante intensificava a melancolia que nutria rotineiramente. Não que se considerasse triste, mas o ritmo monótono de sua vida não lhe proporcionava momentos de beleza suficientes para se dizer feliz.

Preparou rapidamente seu café. Forte e sem açúcar, como sempre. Pegou a bolsa que já estava no caminho e saiu. Ao abrir a porta, espantou-se com o azul estonteante do céu. Esperava um dia chuvoso e odiou a surpresa.

Entre o ar quente e os resmungos, caminhou até o carro. Tentou ligá-lo. Uma, duas, três vezes. “Deus, por que decidira me castigar?”, ele pensou. Desistiu. Bateu a porta do automóvel com tanta força que assustou uma jovem que caminhava pela rua.

O dia mal começara e já parecia destruído. Não que seus dias costumassem ser bons, mas esperava só irritar-se assim durante o expediente. Odiava o trabalho e estava odiando mais ainda ir

até lá a pé, embaixo do sol e suando sob a roupa sufocante.

Andou por alguns minutos e sentiu seus músculos queimando. Costumava praticar exercícios físicos na sua época de universitário, mas há muito tempo seu corpo esquecera como era fazer. Sentou-se num banco de cimento que encontrou na sombra a fim de descansar. Respirou fundo. Olhou ao redor, era primavera e estava cercado de árvores que exibiam as mais lindas flores. Um mar verde vivo enfeitado de obras-primas coloridas de rosa, amarelo, branco. Suspirou admirando tamanha beleza.

Sua boca estava seca e sua camisa, molhada. Tirou o paletó, jogou-o entre as alças da bolsa e se levantou, indo em direção a um pequeno quiosque, para matar sua sede. “Bom dia, uma garrafa d’água, por favor”, pediu. “Água mineral ou de coco?”, uma simpática senhora lhe perguntou. Não tinha imaginado a possibilidade de beber água de coco. “De coco, por favor”, respondeu. Ela lhe entregou a garrafinha. “Não seria melhor no coco?”, sugeriu. Aquilo parecia mais certo, mas sua intenção não era parar para beber “claro, no coco seria ótimo”.

Sentou-se e apoiou a bolsa e o coco na mesa. Olhou o relógio. 9h55. Não estava tão atrasado, mas não tinha tempo de descansar ali. Lembrou-se do carro quebrado, esfregou as mãos no rosto molhado com um certo desespero. Olhou de novo o relógio, só um minuto havia se passado. Respirou fundo mais uma vez. Sentia-se cansado. Mas tinha tanto a fazer...

Um vento fresco atropelou seu corpo, sentiu uma vivacidade lhe tomar. Pegou a bolsa e tirou de lá seu notebook. Abriu o processo no qual estava trabalhando há alguns meses. Caso cansativo e estressante. Desabotoou a parte de cima da camisa, dobrou as mangas.

Trabalhou por horas seguidas naquele escritório improvisado. Por vezes, se sentiu desconfortável com a cadeira de plástico, tão diferente da sua poltrona de costume. Mas sempre que o incômodo começava a falar mais alto, olhava o céu, com seu azul calmante, as plantas cor de esmeralda, com suas delicadas flores. Fechava os olhos e conseguia ouvir a natureza, o passarinho compondo as melodias mais bonitas. Não sentiu falta das suas paredes brancas e seu silêncio angustiante.

Olhou o relógio mais uma vez, ele mostrava 16h37. Olhou o que tinha feito, orgulhoso do quão produtivo conseguira ser. Guardou tudo, pagou a conta do que consumira naquele pequeno e simples comércio e se levantou. Não caminhou pelo trajeto que o tinha levado até ali, não queria voltar para casa.

Com passos lentos para direção oposta à da sua casa, observava a diversidade dos verdes das árvores, o cheiro de natureza, o som de vida e todos os detalhes que passavam despercebidos todos os dias de rotina. Se pegou cantarolando uma música qualquer e sorrindo para si mesmo. Ah, aquele dia que já parecia destruído.

Os passos pararam quando chegou na orla. A praia vazia, como era de se esperar de um dia de semana no início de novembro. Sentou-se em cima do seu paletó, na areia. Olhou o encontro do

céu com o mar, pensou em como gostava dos tons de azul. Acabara de lembrar esse fato sobre si, que estava escondido de sua memória por bastante tempo.

O azul se tornou laranja. Ele pensou que laranja podia ser uma cor extraordinária. Acompanhou o pôr-do-sol com poucos pensamentos na cabeça, mas explorando tudo o que sentia. Ouviu o som das ondas do mar quebrando na praia, e sentiu a areia sob o seu corpo e entre os seus dedos, o cheiro da maresia, o vento frio (e cada vez mais frio) acariciando sua pele, enquanto admirava as lindas cores que metamorfoseavam o céu.

Quando o sol já havia partido por completo, pegou suas coisas, caminhou até a casa. Abriu a porta, adentrou o pequeno espaço. Se sentiu exausto e dormiu antes que pudesse refletir sobre qualquer coisa. Dormiu por nove horas com um sono confortável e intenso.

Acordou na manhã seguinte. Fitou o guarda-roupa. Lembrou do dia anterior. Observou o redor. O guarda-roupa não o incomodava mais. Talvez ele precisasse arranjar mais cores para aquela casa.

---





# Revista intransitiva

Contos (v. 4., Edição Especial)

Fevereiro/2020

Especial

ISSN: 2674-936X

λ FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO



Departamento de  
Anglo-germânicas